

Introdução

Wanda Deifelt

Havia uma vez uma casa muito grande, chamada “a casa dos quatro cantos do mundo”. Era chamada assim porque a casa era quadradona e nela morava gente de tudo que é sexo, idade, cor e religião. Tinha tantas janelas esta casa e era tão grande que, dependendo do canto, dava pra ver todos os rios e oceanos e florestas e as quatro estações do ano num dia só. No fim da tarde se podia ver o pôr-do-sol do lado oeste, e, correndo, ainda dava tempo de ver o nascer do sol do lado leste. Quem enjoasse da chuva podia ir para o outro lado da casa, onde havia sol e brisa, e ir empinar papagaio.

As pessoas que moravam na casa tinham tudo para ser felizes: tinham comida em abundância, não lhes faltavam bons livros e tinham tempo de sobra para aproveitar a vida. Mas não eram. Era tanta a rivalidade e a desconfiança entre os moradores da casa que os prazeres da vida eram vistos como supérfluos. Paredes estavam sendo erguidas constantemente. Portas e grades de ferro sendo instaladas onde antigamente havia somente cortinas de pano e portas de bambu. Tudo em nome da segurança, é claro.

No sótão da casa estavam os estudiosos, tentando explicar de modo lógico e racional o porquê das mudanças na estrutura da casa. Analisavam tudo, mas quanto mais analisavam, mais confusos ficavam. Não era preciso ser estudado para perceber que uma parte da casa, o lado norte, tinha as paredes mais grossas e as barras de ferro mais resistentes. Era óbvio também que esta parte da casa tinha mais gente preocupada com segurança. Havia até especialistas que não faziam outra coisa a não ser inspecionar paredes e testar a qualidade das grades o dia todo. Já não ajudavam mais nas tarefas da casa, pois haviam delegado o trabalho cansativo às classes que eles consideravam menos hábeis, como as mulheres, os negros, os índios... O que não era tão óbvio assim para os estudiosos era por que os outros cantos do mundo sentiam tanta inveja e tentavam imitar o norte a todo custo. Copiavam tudo!

A última novidade foi a completa remodelação do andar térreo da casa. Grades foram copiadas, paredes reforçadas, cadeados instalados. Em troca, o lado norte exigiu cópia das chaves (para assegurar que os outros cantos não mantivessem segredo e, de alguma forma, representassem uma ameaça a sua segurança). Assim, por causa da dita segurança, algumas pessoas do lado norte tinham livre acesso ao resto da casa. E porque só eles

sabiam como fazer as grades, paredes e cadeados, exigiam coisas em troca do seu conhecimento. Primeiro pediam somente algumas verduras do quintal e ovos do galinheiro. Depois começaram a exigir mais e mais, até que por fim os outros cantos da casa deviam mais do que produziam. Colheitas inteiras iam pro norte e mais e mais partes da casa estavam sendo hipotecadas.

E as paredes ali, grossas, relembrando o pessoal que o negócio era cada um por si e Deus por todos. E com a reforma do andar térreo veio a segunda novidade. Como as paredes tomavam tanto espaço, foi necessário colocar grande parte da população no porão. Só ficou na parte principal da casa quem era considerado importante. Às mulheres dos quatro cantos do mundo foram dados potes e panelas, que trouxeram para o porão, e ficaram encarregadas de preparar refeições e trazê-las para cima quando fossem solicitadas. Aos negros e índios dos quatro cantos do mundo foram dados machados, picaretas e enxadas, pois ficaram encarregados do trabalho pesado que ninguém queria fazer. Os velhos e as crianças ficaram por isso mesmo, contanto que não amolassem.

No começo muitos achavam que a situação até que não estava tão ruim assim. Tinha gente que concordava com o novo arranjo, achando que era justo ter os inspetores de parede tomando as decisões. Sacrifício era necessário para manter a segurança. Segurança... contra o que mesmo? Ah, contra os inimigos. Quais mesmo? Seguindo este raciocínio, alguns até tentaram construir paredes no porão. Também no porão era necessário manter distinções e hierarquias, pensavam. Ainda não existiam paredes no porão porque todos eram igualmente cidadãos de segunda categoria! Mas não sabiam. Alguns queriam se diferenciar, na esperança de um dia serem inspetores de parede, mantenedores de segurança, quem sabe até conhecedores da arte de fazer cadeados. Assim erguiam paredes entre si mesmos, repetindo em menor escala o que acontecia no andar de cima.

Mas as coisas iam de mal a pior. Os inspetores de parede do norte exigiam cada vez mais pela sua manutenção da segurança, e aí começou a faltar comida no porão. E o povo definhava a olhos vistos, porque era muita a fome e a miséria. Cada dia se ouvia falar de algum velho doente sem recurso médico, de alguma criança que tinha morrido de fome. Por fim já não causava espanto. Demorou muito tempo até que finalmente se deram conta de que a situação caótica do porão não seria provisória, como haviam pensado. O mundo do porão era assim mesmo, marcado para sofrer.

A única solução era tentar impressionar os inspetores de parede, e quem sabe haveria um lugarzinho para alguns deles no topo. Assim lutavam entre si mesmos para catar as migalhas da mesa. Quer dizer, alguns lutavam entre si mesmos (os mesmos que insistiam em construir paredes no porão), pois tinha gente que pensava diferente. Já se escutavam murmúrios de descontentamento no porão, e um ou outro até já ameaçava colocar algumas paredes abaixo com as mesmas ferramentas que os construtores lhes haviam dado.

Os estudiosos, por sua vez, continuavam no sótão, acima da realidade. Seus olhos voltados para o norte, interessados no que se passava naquele canto do mundo. Ninguém notou que o porão era uma panela de pressão, que podia explodir e levar consigo um bocado de paredes. Ninguém notou que o descontentamento era demais. Ninguém notou que mudanças radicais aconteciam no porão, começando com o reconhecimento sigiloso de que a situação podia e devia mudar. Só alguns suspeitavam.

Durante as últimas décadas mais e mais teólogos e teólogas têm se dado conta da existência de um porão na casa dos quatro cantos do mundo e das contradições inerentes a uma estrutura social baseada na discriminação e exploração. Assim a teologia tem passado por mudanças radicais. Tem-se reconhecido que há situações injustas, muitas vezes sancionadas pelo divino. Tem-se afirmado que o fazer teológico tem que apontar para uma realidade onde a opressão é superada. Tem-se dito e repetido que a teologia tem que ser contextual, que precisa falar para a realidade que a cerca. Mas em geral tudo isto era feito de modo isolado, sem saber em detalhes o que estava se passando nos outros cantos do mundo.

É por isto que a *Conferência de Educadores Teológicos Luteranos do Terceiro Mundo*, realizada em São Leopoldo, RS, na Escola Superior de Teologia da IECLB, de 5 a 11 de setembro de 1988, representa um novo estágio em termos de discussão teológica. Esta conferência, patrocinada pela Federação Luterana Mundial, reuniu 42 participantes vindos da África, Ásia, Estados Unidos, Europa e América Latina para discutir teologia luterana como educadores e educadoras do Terceiro Mundo. Daí o título, “Releitura da Teologia de Lutero em Contextos do Terceiro Mundo”.

A convicção de que existe uma riqueza enorme de experiências provinidas das lutas e soluções específicas de cada lugar marca as palestras, reações e resoluções que se seguem. Esta riqueza de experiências traz uma variedade de interpretações de Lutero e oferece múltiplos desafios para uma confessionalidade luterana enraizada no chão de cada canto do mundo. Esta riqueza também requer um falar e fazer teológico autênticos, condizentes com a fé cristã que prega o reino de Deus em contraposição à realidade de opressão e injustiça. Neste sentido, justificação pela fé, reino de Deus e liberdade cristã deixam de ser verdades teológicas e passam a ser palavra encarnada dentro da realidade dura e sofrida que caracteriza o Terceiro Mundo.

As páginas que se seguem estão marcadas pela tensão entre a fidelidade à confissão luterana, por um lado, e, por outro lado, a necessidade de responder aos conflitos e problemas que surgem a partir do contexto em que estamos inseridos/as. Há exemplos excelentes de como diferentes teólogos/as tentam se apropriar da teologia luterana de modo mais eficaz, lembrando-nos, porém, que a teologia no Terceiro Mundo não pode ser uma

mera repetição do que já foi feito e dito no Primeiro Mundo. O que trans- parece é que a teologia no Terceiro Mundo é, ao mesmo tempo, um espelho refletindo a realidade e também uma ferramenta que ajuda a mudá-la.

A Conferência de Educadores Teológicos Luteranos é um primeiro passo nesta tentativa de discussão teológica a nível de Terceiro Mundo. Como primeiro passo, é um pouco mais do que uma rachadura nas paredes que separam os quatro cantos do mundo, mas é um começo, sem dúvida. Mas quem poderá prever o futuro, se educadores e educadoras levarem a sério seu compromisso de ser fermento na massa? Que potencial tem a teologia, se seus estudiosos escutarem os murmúrios de descontentamento vindos dos porões dos quatro cantos do mundo? Ou ainda, o que acontecerá quando aqueles e aquelas que estão à margem — os negros, índios, mulheres, pobres, homossexuais — se tornarem teólogos e teólogas preparados/as para forjar sua própria realidade? As possibilidades são infinitas, sem dúvida.